

A VIDA PORTUGUESA

BOLETIM DA "RENASCENÇA PORTUGUESA,"

Director—JAIME CORTESÃO

Secretário da redacção e administrador: ÁLVARO PINTO—Editor: António Vieira

Redacção, administração e tipografia: Praça da Republica, 160, 161 e 162—Assinatura, 10 n.ºs 20 ct.vos. (Brasil—1\$000 rs. fr.)

Universidades Populares

VIII

A Universidade Popular do Porto e o problema da Instrução Primária

PROPOSEMOS-NOS nesta série de artigos coligir não só todos os factos gerais, que digam respeito a esta magna questão educativa, mas também os que interessem ao desenvolvimento da nossa Universidade, onde os problemas de adaptação a resolver se sucedem interminantemente, já pelo conhecimento mais perfeito do público, já pelo aumento de necessidades educativas a atender.

Registemos primeiro o alargamento da nossa acção educativa. No fim do passado ano inaugurámos uma nova Universidade Popular em Vila Real, onde o público culto recebeu optimamente esta iniciativa tendo a *Renascença Portuguesa* encontrado entre os professores e intelectuais de Vila Real o apoio generoso e indispensavel para o funcionamento dessa universidade que agora começa os seus trabalhos.

Por outro lado a nossa Universidade do Porto, mercê duma instalação mais ampla, vai daqui por diante oferecer ao público um novo e indispensavel elemento educativo, uma biblioteca, onde procuraremos reunir as obras indispensaveis ás mais urgentes necessidades do Povo.

Na organização dos cursos públicos, realizados no Centro Comercial do Porto e dos cursos de inscrição, na sede da *Renascença Portuguesa*, procuramos manter a unidade de programa, que esta Universidade se propõe desde o principio realizar. Se é certo que toda a obra educativa tem por fim criar o homem livre, na alta acepção da palavra, a nossa Universidade propõe-se mais dar ao povo a consciencia do espirito português, a fim de lhe polarisar as energias no sentido de realizar um alto ideal colectivo, juntamente patriótico e humanitário.

Com este fim educativo mais próximo e directo, demos como matéria para uma larga série de cursos, o seguinte plano de estudos:

História Pátria;

Geografia e administração portuguesa e colonial;

Lingua portuguesa e história da Literatura portuguesa;

Estética e história da Arte;

História das Religiões;

Filosofia e história da filosofia.

É certo que a realização deste plano demanda muito tempo e principalmente um grupo de competências com capacidades diversas, sendo principalmente falível pela unidade de esforços. Todavia está em parte realizado e com o andar do tempo será completamente levado a cabo. Assim o contamos.

Começaram as lições públicas este ano por um curso sobre a *Vida e Obra de Camilo Castelo Branco*, o que entra visivelmente no nosso plano.

Se alguém porventura desconhece a importancia que a historia da literatura nacional tem na educação popular, dir-lhe-hemos, que aqui, junto de nós, temos uma *História da Suissa*, para a instrução primária, que dá aos alunos conhecimentos, ainda que rudimentares, da história da literatura suissa.

Foi também para obedecer a esse plano, pelo que diz respeito à geografia e administração portuguesa e colonial que convidamos o illustre engenheiro sr. Ezequiel de Campos, que pelo Parlamento foi encarregado de fazer um estudo sobre a Emigração, a realizar nesse sentido algumas lições na nossa Universidade. O seu curso, subordinado ao título: *Demografia e a Emigração — A Grei*, foi fértil de ensinamentos geográficos e de lições de administração do paiz e colónias:

No entanto, e é este o principal assunto deste artigo, por muito perfeita que se torne a nossa obra em execução de plano ela necessita sempre duma larga preparação prévia. Já num dos artigos desta série transcrevemos as palavras de M. Hubert, que, referindo-se á crise que atravessavam as Universidades populares na França e designadamente em Paris, a attribuia antes de mais nada á falta duma instrução primária sólida na maior parte dos ouvintes. Quando essa falta se faz sentir em Paris, facil é calcular o que será no Porto.

Se é certo que o exito da nossa Universidade tem sido grande, muito maior poderia ser, se aproveitasse ao grande numero do operariado, que não segue as suas lições. Já aqui analisamos algumas das causas que levam o ope-

riario a não se aproveitar dessas lições. Se é licito attribuir á fadiga causada por um excesso de trabalho o abandono a que os operarios votam a sua educação, motivo tantas vezes por eles invocado, podemos e devemos affirmar-lo, com a certeza de estarmos na verdade, que esse abandono é principalmente causado pelos defeitos ou carencia de educação. E a primeira que lhe falta, a mais geral, a própria educação da curiosidade, sem claras e fecundas direcções a onde encaminhar-se, é a que hoje em dia dá uma sólida instrução primária.

Quando assim dizemos não nos referimos á que é ministrada nas nossas escolas primárias, que, salvo rarissimas excepções, é atrazada, rudimentar, precária e ineducativa. Referimo-nos á instrução primária, que é ministrada nalguns paizes estrangeiros, onde o aluno a par duma instrução muito mais vasta, recebe uma educação que lhe exalta nobremente o amor pátrio e humanitário e lhe dá o estímulo necessário a maiores empreendimentos quer de instrução profissional, quer de alargamento do ser moral. Aqui, no Porto, graças ao novo Codigo Administrativo, que dá aos municipios interferencia na organização da instrução primária, o problema tem de ser resolvido pelo nosso municipio, e um dos seus vereadores acaba de anunciar um plano de trabalhos abrangendo o problema em conjunto.

É esse de resto o problema que exige mais pronta resolução, para que a Democracia não deixe de ser uma palavra vã, pois não se comprehende o exercicio dos direitos da liberdade, sem a comprehensão deles. Foi esse decerto, o motivo que levou o governo republicano a retirar o direito de voto a todo o cidadão, que não soubesse ler e escrever, o que sendo uma garantia de ordem moral para a pureza do suffragio, o deixa ainda exposto á perversão dos instruidos, mas deseducados, caso, todavia, inteiramente impossivel de prevenir na lei.

Pela nossa parte, ainda que não fosse senão pelas ligações que tem com o problema das U. P., não regatearemos esforços para a resolução do problema da instrução primária, tão necessário á nacionalização espirital do Povo português.

JAIME CORTESÃO.

